

Protopoema

José Saramago

Enviado por:

Publicado em : 08/11/2010 19:14:44

Protopoema

Do novelo emaranhado da memória, da escuridão dos
nós cegos, puxo um fio que me aparece solto.

Devagar o liberto, de medo que se desfaça entre os
dedos.

É um fio longo, verde e azul, com cheiro de limos,
e tem a maciez da quente do lodo vivo.

É um rio.

Corre-me nas mãos, agora molhadas.

Toda a água me passa entre as palmas abertas, e de
repente não sei se as águas nascem de mim, ou para
mim fluem.

Continuo a puxar, não já memória apenas, mas o
próprio corpo do rio.

Sobre a minha pele navegam barcos, e sou também os
barcos e o céu que os cobre e os altos choupos que
vagarosamente deslizam sobre a película luminosa
dos olhos.

Nadam-me peixes no sangue e oscilam entre duas
águas como os apelos imprecisos da memória.

Sinto a força dos braços e a vara que os prolonga.

Ao fundo do rio e de mim, desce como um lento e
firme pulsar do coração.

Agora o céu está mais perto e mudou de cor.

É todo ele verde e sonoro porque de ramo em ramo
acorda o canto das aves.

E quando num largo espaço o barco se detém, o meu
corpo despido brilha debaixo do sol, entre o
esplendor maior que acende a superfície das águas.

Aí se fundem numa só verdade as lembranças confusas
da memória e o vulto subitamente anunciado do
futuro.

Uma ave sem nome desce donde não sei e vai poupar
calada sobre a proa rigorosa do barco.

Imóvel, espero que toda a água se banhe de azul e que
as aves digam nos ramos por que são altos os
choupos e rumorosas as suas folhas.

Então, corpo de barco e de rio na dimensão do homem,

sgo adiante para o fulvo remanso que as espadas
verticais circundam.
Aí, três palmos enterrarei a minha vara até à pedra
viva.
Haverá o grande silêncio primordial quando as mãos se
juntarem às mãos.
Depois saberei tudo.

(in PROVAVELMENTE ALEGRIA, Editorial CAMINHO, Lisboa, 1985, 3^a Edição)